



Hashtag como elemento (des)organizador do discurso político: o caso de #quemmorreu no X-Twitter

Hashtags as (dis)organizing elements of political discourse: the case of #quemmorreu on X-Twitter

Gustavo Haiden de LACERDA*

RESUMO: Este artigo, com base na Análise de Discurso Materialista (AD), discute o modo pelo qual as *hashtags* (des)organizam os discursos político-midiáticos no X-Twitter. O *corpus* construído para o presente gesto analítico foi elaborado em torno da *hashtag* #quemmorreu, desde sua enunciação primeira até suas retomadas em outras vinte e uma publicações. Alicerçado nos postulados metodológicos da AD, o estudo observou as regularidades entre as circulações da *hashtag* para compreender a estruturação algorítmica de seus efeitos de sentido pela forma como significa os discursos nas redes digitais. As análises levaram à compreensão de um efeito de rumor derrisório, atrelado à forma do discurso polêmico, que desestabiliza poderes políticos e midiáticos estabelecidos, reivindicando outros sentidos pela contenda ideológica algorítmicamente mediada pela disputa acerca de #quemmorreu.

PALAVRAS-CHAVE: *Hashtags*. Algoritmo. Ideologia. Derrisão. Rumor.

ABSTRACT: This paper, grounded on Materialist Discourse Analysis (AD), discusses how hashtags have been (dis)organizing political-mediatic discourses on X-Twitter. The *corpus* developed for this analytical gesture was elaborated around the hashtag #quemmorreu, from its first enunciation to different recaptures in other posts, twenty-one tweets in total. Based on the methodological procedures of AD, the study notes regularities among these circulations of the hashtag in order to comprehend the structuring of its meaning effects through the ways this hashtag signifies in digital social media discourses. The analysis pointed out to the understanding of a derisory rumor effect, in relation to polemic discourse, which destabilizes legitimated political and mediatic powers, by claiming other meanings through an ideological feud technologically mediated by the disputes around #quemmorreu.

KEYWORDS: Hashtags. Algorithm. Ideology. Derision. Rumor.

Artigo recebido em: 27.12.2023
Artigo aprovado em: 01.03.2024

* Doutorando em Comunicação, McGill University. gustavo.haiden@gmail.com

1 Introdução

As redes sociais digitais têm desempenhado papel significativo nos modos de pensar e fazer política na última década, no que diz respeito tanto a campanhas eleitorais e propagandas políticas, quanto a manifestações de opinião de eleitores-usuários de plataformas (Silveira, 2019). O X-Twitter¹ é uma das mídias digitais em que mais se discute política, como ficou mostrado recentemente, nas eleições de 2018 e de 2022, no Brasil, indicando a força político-ideológica da rede social em questão, particularmente no tocante à circulação de *fake news*.

No X-Twitter, as postagens podem ser curtidas, comentadas e retuitadas, ou seja, compartilhadas na *timeline* de outros usuários. Por meio da consideração de algumas variáveis, como o número de tuítes sobre determinado tema, com certas palavras-chave, o algoritmo da plataforma define uma lista com os “assuntos do momento”. Recurso popular e significativo no funcionamento da rede, o item *Trending Topics*, traduzido para “assuntos do momento”, ou abreviado para TTs, é definido como “tópicos que são populares no momento” (Twitter, 2018). Nessa definição de relevância e popularidade, “também por meio de algoritmo, assuntos do momento e *hashtags* são agrupados quando estão relacionados ao mesmo tópico” (Twitter, 2018).

As *hashtags* no ex-Twitter, criadas em 2007, têm por função agrupar publicações em torno de um determinado tema, para que possam ser reunidas e apresentadas em

¹ A circulação da *hashtag* #quemmorreu ocorreu em fevereiro de 2021, antes da aquisição do Twitter por Elon Musk e da reformulação da marca para X, envolvendo não apenas a mudança de nome e logo, mas também reorganizações administrativas, técnicas e políticas da empresa, além de polêmicas em torno da figura no mínimo controversa do bilionário naturalizado norte-americano. Analisamos a circulação de #quemmorreu tendo em vista as condições de sua produção e circulação naquele momento. Mudanças começam a ser sinalizadas, entre elas os algoritmos de sugestão e distribuição de conteúdo, abrindo espaço para futuras investigações. Ao longo do texto, referimo-nos à plataforma como X-Twitter, mobilizando sua equívocidade: a divisão da nomeação e a divisão constitutiva dessa mídia social, a disputa dos sentidos entre usuários e administração, a polemicidade pornográfica em torno do Twitter reformulada pelo indicador de conteúdo adulto X, além de permitir a leitura “ex-Twitter”, a plataforma que foi e não é mais, mas paradoxalmente continua sendo (até o momento, a URL twitter.com não foi abandonada), assombrando o X da questão. É também significativo notar que o engajamento afetivo de usuários do ex-Twitter com a plataforma há mais de uma década faz com que muitos resistam em referir-se a ela como X. #quemmorreu.

pesquisas. Portanto, elas exercem papel de palavra-chave nas buscas e discussões no X-Twitter, embora não só nele, uma vez que as *hashtags* fazem parte de várias redes e comparecem, até mesmo, em discursos fora do espaço on-line.

Quanto mais um assunto é discutido, ou melhor, quanto mais certos termos e/ou *hashtags* são registrados, tanto mais eles são projetados em rede. Como próprio do modo de operar das redes sociais, a relação entre qualidade e quantidade é borrada: um assunto ganha relevância conforme o aumento de seus focos de discussão. No contexto das redes sociais, a quantidade tende a sobredeterminar a qualidade (Lacerda; Di Raimo, 2020).

Isso aponta para o fato de que o algoritmo funciona como um mecanismo regulador e determinador de alguns efeitos de sentido em detrimento de outros. Como filtro, sua função é tornar visíveis certos efeitos e silenciar outros. Ao analisar o poder dos filtros de conteúdo na internet, Pequeno (2014) conclui que o ideológico é constitutivo também da técnica, visto propiciar novas clivagens subterrâneas na leitura, isto é, novos elementos de determinação dos sentidos, das possibilidades de dizer e de ler. Entendemos que o algoritmo regula o acesso do sujeito-usuário que trafega pelas mídias digitais, impondo-lhe uma realidade significativa.

Neste artigo, objetivamos compreender os modos pelos quais língua e ideologia se encontram por meio da técnica para produzir e fazer circular certos sentidos e não outros pelo funcionamento discursivo das *hashtags* no X-Twitter. Para isso, elegemos uma *hashtag* que esteve entre os assuntos do momento em 2 de fevereiro de 2021, a saber, #quemmorreu.

Recorremos à Análise de Discurso materialista, de filiação pecheutiana, no intuito de investigar as posições-sujeito que emergem na discussão político-midiática e, concomitantemente, os efeitos de sentido aí construídos. Os gestos analíticos levaram-nos à observação de disputas pelo sentido de #quemmorreu, que variava conforme as diferentes inscrições em formações discursivas, bem como à consideração de que o papel técnico da *hashtag* é agrupar em unidade textual aquilo que é

fundamentalmente dispersão discursiva. Como desenvolvemos no decorrer da análise, #quemmorreu emerge na cena enunciativa da rede social em questão como um exemplar do funcionamento (des)organizador da tecnologia discursiva da *hashtag*, um elemento que exerce função contraditória: simultaneamente, articula a discussão política, divide as posições a ela engajadas e reconfigura os próprios termos do que constitui o político do discurso.

2 Fundamentos teóricos: a Análise de Discurso materialista

O embasamento teórico-metodológico que sustenta nosso gesto de leitura provém da Análise de Discurso materialista (doravante AD), que tem Michel Pêcheux (1990; 1995) como um autor fundante. Uma análise discursiva tem por objetivo inscrever “um sentido na relação das diferentes formações discursivas, encontrar o seu lugar, o seu modo de significar” (Orlandi, 2008, p. 49). Ou seja, interessa-se por “como” o dizer significa mais do que por “o quê”.

Pêcheux (1995), retomando a tese althusseriana do assujeitamento, postula que a interpelação ideológica cria no sujeito a evidência de ele ser ele mesmo. Ele esquece que é determinado por causas que lhe são estranhas e que estão além de seu controle. Interpelado, o sujeito crê também ser a origem dos sentidos que (re)produz. Não se trata, contudo, de uma ilusão contornável: é necessário esquecer para poder significar, assumindo a si e aos sentidos como reguláveis. Uma tal regulação é produto do trabalho de uma memória do discurso, o interdiscurso, que é a sustentação necessária de todo dizer em um já-dito.

Diferente do intertexto, a relação interdiscursiva tem o esquecimento como fato estruturante: algo foi dito antes, em outro lugar, e esquecido (processo histórico-ideológico). Nas palavras de Orlandi (1999, p. 34), “o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer”. Para citar Pêcheux (1995, p. 215): “o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa

determinação”. Retomando sentidos inscritos em determinadas regiões do interdiscurso, os sujeitos têm a possibilidade de significar(-se).

Ao longo da história, essa regionalização dos sentidos foi criando domínios discursivos que permitem que certas posições sejam assumidas e outras não: são as formações discursivas. Originalmente desenvolvida por Michel Foucault, a noção de formação discursiva (FD) é repensada por Pêcheux (1995, p. 162), que a entende como “o lugar da construção do sentido (sua matriz)”, o que o leva a formular uma proposição fundamental em AD:

Um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso (Pêcheux, 1995, p. 261).

Esse sujeito a que se refere é a posição (não) assumida no discurso, resultante do processo de interpelação do indivíduo ao entrar em um mundo simbólica e ideologicamente constituído. Por isso, o discurso – localizado em uma dada formação discursiva – é a materialização da ideologia, o que não representa uma simples equivalência (discurso = ideologia), mas um intrincamento produzido a partir da interpelação, ou seja, o discurso materializa, reproduzindo e transformando, uma formação ideológica. Por sermos interpelados pela ideologia como sujeitos falantes, nosso discurso aponta para uma formação ideológica. Assim conceituada, a FD assinala a presença da ideologia no discurso.

Vale ressaltar que, de início, a abordagem com as FDs era rígida, na qualidade de regiões discursivas fixas e isoladas. No decorrer de seus trabalhos, porém, Pêcheux (1995, p. 263) foi notando que as FDs mantinham entre si relações dissimétricas, projetando-se como um lugar de permanente reconfiguração da significação, em um “todo complexo com dominante” (Pêcheux, 1995, p. 211).

Sendo uma FD o domínio linguístico-histórico provisório da realização do sentido, escreve Orlandi (1999, p. 70), “em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de uma dominante”. Por isso, compreendemos as FDs como fundamentalmente heterogêneas, uma vez que suas fronteiras são instáveis e que o limite de uma é também a margem da outra. Toda FD flerta com sentidos outros que ela não comporta. Posicionando-se em determinados espaços da passagem dos sentidos, identificando-se ora com uma ora com outra FD, o sujeito se filia a uma rede significativa para poder tomar a palavra e constituir-se.

Entra em cena a questão da (re)produção dos discursos. Se, por um lado, repetimos e reiteramos, por outro, transformamos e deslocamos, o que Orlandi (1999) denomina tensão paráfrase/polissemia. Enquanto a paráfrase relaciona-se ao mesmo, a polissemia aponta para o diferente, e somente nessa tensão entre a mesmidade e a diferença a linguagem se apresenta como matéria significativa. É justamente na repetição histórica que está a semente da ruptura, a potência polissêmica da linguagem.

Ainda em torno do embasamento teórico, afinando nosso recorte temático, não podemos deixar de lado que o exemplar de linguagem estudado é oriundo do espaço discursivo digital. Disso resulta que a discussão política, antes mediada pelo jornal impresso, posteriormente pelo rádio e pela televisão, toma lugar nas redes sociais, no X-Twitter em particular. Assumindo, com Orlandi (1999), que diferentes modos de circulação não são indiferentes na instância da significação, é preciso reconhecer a inevitabilidade de uma reconfiguração nas redes de sentido em decorrência de mudanças no meio material da enunciação, mediada agora pelo digital.

No funcionamento técnico digital, nota Pequeno (2014), há uma inclinação estruturante em direção à paráfrase como condição de produtividade. Isto é, para produzir (um tuíte, por exemplo) é preciso submeter-se às regulações de reprodução da plataforma (limitação de caracteres, participação em *threads*, regras de conduta

explícitas e tácitas etc.). Essa inclinação, continua o autor, produz efeitos fixantes que dificultam – ainda que não anulem – as possibilidades de deslocamento e de polissemia. Em suas palavras, “sua constituição é feita sob o imperativo da produtividade, a partir das materialidades da soma, e sob a operacionalização da repetibilidade” (Pequeno, 2014, p. 65). Em nossa análise das *hashtags*, será produtivo atentar para os processos parafrásticos e polissêmicos na disputa pelos sentidos em face da mediação tecnológica e da intervenção algorítmica.

Falta, ainda, propor uma compreensão para o que seja uma *hashtag*. Em seus estudos sobre o ex-Twitter, Paveau (2013) investiga as funções semânticas e argumentativas da *hashtag* e a caracteriza como sendo uma tecnologia discursiva de natureza compósita, posto que é linguageira e clicável, no encontro da técnica com a língua.

Em sua descrição, Paveau (2013) constata que uma *hashtag* não possui uma posição pré-estabelecida na sintaxe de um tuíte e opera balizando as discussões: por meio de *hashtags*, os usuários se inserem e se posicionam em uma situação enunciativa. Por isso, seria um “performativo tecnodiscursivo”. Seu aspecto de hipertexto, remetendo e agrupando tuítes, “implica formas endêmicas de participação discursiva” e torna a plataforma “um lugar discursivo de filiações difusas”, que “se manifestam por um certo número de práticas” (Paveau, 2013, tradução nossa), entre elas as *hashtags*. Desenvolve-se, então, o fenômeno da *searchability*, que torna texto em ícone clicável hipertextual e que remete tecnicamente a outros dizeres.

Baseando-se em considerações de Paveau, Silveira (2015; 2019) afirma que as *hashtags*, associadas ao processamento algorítmico dos TTs, tendem tanto a agrupar os discursos quanto a dispersá-los, posto que a tecnologia em questão considera o conteúdo e não o funcionamento. Por sustentar-se no conteúdo, ocorre uma normatização da leitura no X-Twitter, decorrente de um “ranqueamento dos dizeres” (Silveira, 2019, p. 20). São os “Assuntos do Momento” que pautam as discussões na plataforma e, no caso que analisaremos, dão margem para interpretações difusas. Em

uma faceta, apaga-se o fato de que há outras palavras e *hashtags* relevantes em circulação, silenciando que “o que é ‘pertinente’ para ser lido é determinado antes por uma variável que computa quantidade de uso versus um momento no tempo” (Silveira, 2015, p. 64). No entanto, em outra faceta, os sujeitos permanecem desestabilizando as evidências, provocando rumores nas redes (Silveira, 2019).

3 Construção do *corpus* e dos procedimentos analíticos

Para a construção do *corpus* discursivo, pautamo-nos em Orlandi (1999), que explica que ele não é dado de antemão e não se confunde com o material bruto de análise. Selecionado um material, é necessário refiná-lo analiticamente, com gestos preliminares de leitura, na passagem metodológica do nível textual (objeto) para o discurso (objeto teórico) em funcionamento. Esse refinamento analítico tem a ver com a descrição do objeto sob análise, de suas condições de produção e circulação, para então proceder com a análise do discurso, tendo em conta as especificidades do *corpus*.

#quemmorreu chegou a nosso conhecimento por meio da indicação de “Assuntos do Momento”, filtrado, inicialmente, pelo algoritmo do X-Twitter. Sua posição nos TTs foi breve, durante o período da manhã de 2 de fevereiro de 2021, mas significativa, convocando usuários diferentes para participar desse efeito-reação². O ponto de partida foi uma publicação no X-Twitter de Allan dos Santos (figura 1), que redige textos para o portal Terça Livre, conhecido pela disseminação de *fake news* – o que levou ao banimento de seu canal no Youtube – e pelo posicionamento na ala da direita-conversadora, notadamente em favor do governo de Jair Bolsonaro naquele momento político. Em seu tuíte, o referido colunista compartilha uma fotografia, aparentemente tirada por ele próprio, em que constam os bustos de seis jornalistas da

² Por “efeito-reação”, referimo-nos ao que Lacerda e Di Raimo (2020) definem como o processo no qual os sentidos nas redes sociais se efetivam pela circulação agenciada pelos usuários e mediada por aparatos técnicos, trajeto em que distintos efeitos de sentido vão sendo (re)produzidos com base em múltiplos gestos de interpretação, por meio de curtidas, descurtidas, comentários, compartilhamentos, *hashtags* etc.

Globo News, com feições pesarosas, anunciando a eleição de Arthur Lira, apoiado expressamente por Bolsonaro, como presidente da Câmara de deputados do Brasil.



Fonte: X-Twitter (2021).

Nos comentários desse tuíte, Allan dos Santos lançou a *hashtag* que analisamos (#quemmorreu), acompanhada de um ponto de interrogação, propondo uma pergunta a outros usuários. Ainda na formulação dessa publicação, adicionou como legenda um emoji-palhaço. Em nossa leitura, esse emoji atua de modo equívoco: a uma só vez faz menção ao fato de os jornalistas estarem “com cara de palhaço”, como também recupera, ainda que a despeito de suas intenções, um já-dito sobre Bolsonaro, apelidado por seus críticos de “Bozo”, famoso palhaço norte-americano. É a equivocidade – entendida em AD como a possibilidade de todo fato linguístico “tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1990, p. 53) – que dará margem para diferentes ancoragens interpretativas e que instalará uma disputa pelos sentidos no efeito-reação em torno dessa *hashtag*.

Na seção anterior, destacamos algumas noções relevantes à AD e, particularmente, ao gesto de leitura que empreenderemos. Resta ainda fechar a delimitação do dispositivo analítico. Ainda seguimos a proposta de Orlandi (1999), para quem uma análise discursiva trabalha com dois dispositivos articulados: teórico-analítico. Aquele tem a ver com as noções centrais da AD, imprescindíveis à análise, ao passo que este representa o esforço do analista em mobilizar e desenvolver conceitos específicos a depender do material que analisa e dos objetivos do trabalho. Dito de outro modo, o dispositivo teórico é o solo comum, enquanto o dispositivo analítico é renovado a cada análise e de responsabilidade daquele que analisa.

Pela especificidade dos tuítes recortados, inicialmente levantamos a hipótese de que os efeitos de sentido para #quemmorreu variam de acordo com as posições assumidas no discurso, mas ainda assim tendem a um rumor derrisório, com o que recuperamos a discussão de Silveira (2015) em torno do efeito-rumor e de Bonnafous (2002) e Baronas (2005) sobre derrisão.

Quando analisa as *hashtags* do discurso político em sua tese de doutoramento, Silveira (2015) conclui que elas apontam para uma relação complexa do usuário com o arquivo, cujo efeito cria a impressão de que “os sujeitos-usuários comuns estariam participando de forma igualitária e democrática na discussão dos temas políticos que circulam nas sociedades midiaticizadas” (Silveira, 2015, p. 94). Atuando diretamente na dessacralização e espetacularização do discurso político, as *hashtags* fazem parte do que a pesquisadora designou como “efeito-rumor”, o qual faz reverberar ininterruptamente um dizer, colocando em causa um evento e permitindo que os sujeitos (se) debatam com suas múltiplas versões (Silveira, 2015, p. 170). O rumor vai “construindo arquivos políticos heterogêneos” (Silveira, 2015, p. 199) e sinalizando que as *hashtags* do discurso político no ex-Twitter, “longe de serem brincadeiras sem efeitos, servem de arma na disputa política que se trava na tentativa de delimitação dos sentidos” (Silveira, 2015, p. 198-199).

Já no que toca a derrisão, Bonnafous (2002) explica que esta é um tipo de humor corrosivo, geralmente em tom de zombaria e, ao mesmo tempo, ataque, como uma injúria camuflada de riso. Associando humor e agressão, a derrisão é capaz de deslegitimar um discurso e a posição daquele que o sustenta pela via da comicidade, dando a ver a sua força argumentativa. Avançando nessa investigação, Baronas (2005) argumenta que a derrisão é cirúrgica no ataque a um poder legitimado ao satirizar a autoridade de seu discurso. O texto derrisório traz o outro – alvo da troça – direta ou indiretamente em sua formulação, “evidenciando para o seu destinatário por meio de uma menção sutil a natureza incongruente do discurso primeiro, ou seja, o ‘eu’ retorna sobre seu próprio dizer para dialogar tensivamente com ele” (Baronas, 2005, p. 110). E, caso não aceite a zombaria, a “vítima” certamente será tida como alguém sem senso de humor, o que significa que permanece cercada de todos os lados.

Ao vincularmos as duas noções brevemente introduzidas em um efeito-rumor derrisório, tentamos articular essa reverberação inquieta, tagarela, contínua, a um efeito projetado em dominância derrisoriamente, gerando focos de tensão em torno de um mesmo evento. Se o rumor não está longe do humor (Silveira, 2015), esse humor especifica-se na contenda político-ideológica no X-Twitter, tornando-se derrisão (Bonnafous, 2002). Retornamos a isso na análise que segue.

O *corpus* de análise que apresentamos abaixo, analisado mais detidamente na seção seguinte, se constitui de vinte e uma retomadas de #quemmorreu ao longo do dia 2 de fevereiro. Buscamos construir um material em que a diferença se fizesse presente, a fim de observar efeitos de sentido em conflito. Ao ser retomada em diferentes posições, a *hashtag* realiza-se distintamente, a depender da formação discursiva em que o usuário está inserido para poder significar (Pêcheux, 1995), em um jogo complexo entre produzir e reproduzir, dizer diferente para dizer igual, dizer o mesmo para dizer outra coisa.

Interrogamos o *corpus* com as seguintes questões norteadoras: quais efeitos de sentido são produzidos para #quemmorreu? Quais são os papéis da *hashtag* na

(des)organização desse evento discursivo? Como o X-Twitter, por meio da tecnologia discursiva das *hashtags* (Paveau, 2013), (des)organiza os discursos político-midiáticos atualmente? Partimos da textualidade (as postagens em que a *hashtag* é reproduzida) rumo à discursividade (o funcionamento da *hashtag* na enunciação político-midiática).

Figura 2 – Série parafrástica 1.



Fonte: X-Twitter (2021).

Figura 3 – Série parafrástica 2.

Eve comentarista de BBB @poxaa_biax · 2 de fev
Eu achando que a #QuemMorreu fosse a Karol tombada ou o Bolsonaro



trouxasou @okayyjaqueline · 2 de fev
Eu entrando na tag #QuemMorreu achando que tinha sido Bolsonaro, que triste



Andrey Soares @SoaresAndrey_ · 2 de fev
Eu na esperança da morte desse verme #QuemMorreu



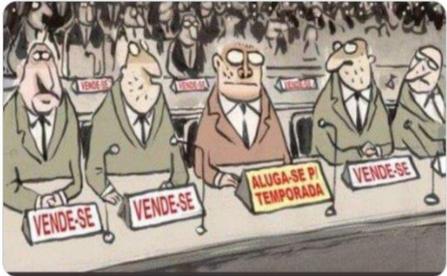
fofocareal @fofocareall · 2 de fev
Eu entrando nessa tag #QuemMorreu e vendo que não foi o Bolsonaro



Cah ... @cyh_carol · 2 de fev
Minha esperança morreu ontem e eu que sou a pessoa mais tdo vai dar certo, essa imagem é o retrato da política do centrão da direita ENTENDAM acabou p nós o Bozo ficará e quem só perde é quem mais precisa #quemmorreu



Hermógenes Carolino @hcarolino · 2 de fev
#QuemMorreu e está morrendo todos os dias é)foi) o povo brasileiro, é(foi) a democracia, é(foi) a constituição.



Gaúcha Gremista terrivelmente petista @GauchaGre... · 2 de fev
#QuemMorreu foi a vergonha na maioria dos políticos desse país, que se venderam, uns por milhões, outros por tostões. #ForaBolsonaro

Gilmar de Alcântara @VoxGilmar · 2 de fev
Quem morreu foi o Brasil por ter eleito o genocida Jair Bolsonaro #QuemMorreu

iama Lins @lhama_1 · 2 de fev
#QuemMorreu? A felicidade, a esperança e a vida de mais de 230 mil brasileiros.

JaneC_Q @JaneleideQ · 2 de fev
#QuemMorreu foi a vergonha na cara da direita que criticava o PT e hj continua apoiando Bolsonaro mesmo vendo as mentiras enganação e o não cumprimento das promessas de campanha.Morreu o bom senso, o discernimento, falta de consciência moral a decência.Direita bolsonarista morreu

Fonte: X-Twitter (2021).

Figura 4 – Série parafrástica 4.



Fonte: X-Twitter (2021).

4 #quemmorreu no X-Twitter: o mesmo e o diferente

Se um ritual se define em sua repetição, um ritual discursivo é marcado por regularidades linguístico-históricas na retomada de já-ditos, na formulação do dito e na esfera da circulação. Ainda que estável, todo ritual abarca a possibilidade de falha, de deslize, de ressignificação (Pêcheux, 1995). As *hashtags*, enquanto tecnologia discursiva ritualizada, estão sempre suscetíveis de migrar para outra FD, de estabelecer outras relações significantes, de seguir outros direcionamentos de sentido. Assim, pela repetição parafrástica, a insistência do repetido faz emergir pontos de deslocamento nos quais a diferença se instala e a polissemia se efetiva.

A análise inicial do material nos levou a observar que a produção da *hashtag* no perfil de um colunista que se manifesta “de direita” (político-ideologicamente) tem sua pergunta (#quemmoreu?) respondida (1) por quem se filia à mesma rede de sentidos (que atestam o “óbito” da rede Globo, da #globolixo, da esquerda, do PT etc.); (2) por quem se inscreve em FDs antagônicas (que atestam o “óbito” da democracia, da constituição, do Brasil, da esperança etc. e o óbito real das vítimas de Covid-19 por causa da não-gestão da pandemia); e (3) por aqueles que desestabilizam a discussão restritamente político-partidária, mobilizando dizeres dispersos (aludindo ao BBB, à desmotivação pessoal). Essas três subdivisões foram delimitadas por nós com base no que constatavam como “morto”, permitindo o agrupamento em três séries

parafrásticas (figuras anteriores) que compõem o delineado geral da rede de sentidos (des)organizada por #quemmorreu³.

Antes de continuar, faz-se imprescindível notar que, ao agruparmos séries parafrásticas, não devemos cair no engodo de uma divisão binária e estanque de classes (dominante e dominada), pelo fato de não dar conta do acontecimento discursivo em questão e da luta de classes em geral. É por meio da noção de “posição-sujeito” – jamais desvinculada da luta de classes – que a contradição se faz presente por uma disputa dissimétrica pelo sentido. Ou seja, dividir os tuítes analisados em “direita” e “esquerda” não basta. Embora as inclinações político-partidárias estejam expressas em muitas dessas publicações, os trajetos da significação se complexificam, de forma que é preciso pensar na Ideologia em geral, mas também nas formações ideológicas que dão base para o funcionamento de certos discursos, sem esquecer que as FDs são constitutivamente heterogêneas em relação a elas mesmas. Nas séries destacadas, delinear-se regularidades de formulação que apresentamos a seguir na forma de um quadro:

Quadro 1 – Regularidades nas respostas a #quemmorreu.

Série parafrástica 1	Série parafrástica 2	Série parafrástica 3
“jornalistas da globo”	“a Karol tombada ou o Bolsonaro”	“o #BBB21”
“TODA A ESQUERDA”	“tinha sido o Bolsonaro”	“minha vontade de fazer alguma coisa”
“MAIA, ALCOLUMBRE”	“verme” [imagem de Bolsonaro]	*não constata morte, mas sugere a conjunção entre eleições e BBB
“QUEM TOMOU A VACHINA”	“o Bolsonaro”	
“#globolixo”	“Minha esperança”	

³ A coleta de material se deu por meio da inserção do pesquisador na aba “Assuntos do Momento”, no item em que constava “#quemmorreu”. Essa mesma hashtag permite ainda que esse material seja pesquisado no X-Twitter, disponível em:

https://twitter.com/search?q=%23quemmorreu&src=typed_query.

“Goebbels news”	“o povo brasileiro”	
“múmias da #GloboFunerária”	“a constituição”	
“a esperança da Globalixo”	“a democracia”	
“a ESQUERDA”	“a vergonha na maioria dos políticos”	
“a vagabundagem da esquerdalha”	“o Brasil”	
“Bonner cara de pastel”	“a vergonha na cara da direita”	
“A mamata da Globalixo”	“o bom senso”	
	“o discernimento”	
	“falta de consciência moral”	
	“a decência”	
	“Direita bolsonarista”	
	“a felicidade, a esperança e a vida de mais de 230 mil brasileiros”	

Fonte: elaborado pelo autor.

É com base na consideração do que se repete que os discursos podem ser remetidos a um grupo de FDs e a não outro, o que não significa que cada série parafrástica comporte apenas uma formação discursiva e muito menos que elas estejam desvinculadas entre si. Ao reunir os sintagmas nucleares que respondem à questão proposta por #quemmorreu, arriscamos um olhar para além do conteúdo restrito para aventar uma compreensão da discursividade e da contradição inerente a toda FD.

Nesse caso, a estrutura que se reproduz é: {#quemmorreu foi [x]}, sendo [x] o referente discursivo variável e disputado nos tuítes. Essa morte, em busca de um sujeito, é polissêmica, ao mesmo tempo metafórica e factual (quando pensamos nas mortes por Covid-19). Inscrevendo-se em determinada formação discursiva, os efeitos de sentido vão sendo verbalizados e contestados. É uma confirmação do que Pêcheux já argumentava na década de 1970 acerca de o sentido não ser fixado antes do discurso;

e mais: é apenas no espaço de reformulações de uma FD que ele se constitui (Pêcheux, 1995, p. 177).

Em nenhum momento ocorre um fechamento definitivo ou uma resposta final, embora a *hashtag* esvaneça no excesso de linguagens do X-Twitter. Como afirma Orlandi (1999), o sentido tem sempre uma dimensão política porque sempre aponta para uma direção e não outra, que é regulada pelo modo com que o sujeito é interpelado ideologicamente, o que “fornece a cada sujeito sua realidade e todo um sistema de evidências” (Pêcheux, 1995, p. 162), permitindo que [x] signifique diversamente dependendo da posição de quem reproduz #quemmorreu.

De seus muitos efeitos, contudo, uma regularidade parafrástica se destaca: o recurso ao humor. Rir de uma figura de autoridade, seja um poder governamental – e.g. Bolsonaro – seja uma empresa jornalística – e.g. rede Globo – é corroer seus alicerces e tentar deslegitimar seu lugar de autoridade. Processo derrisório que não tem alvo restrito e que, conseqüentemente, rumoreja indefinidamente em rede. Isso conduz à produção de um efeito-rumor derrisório, que adiantamos na seção anterior. A *hashtag*, associada ao rumor, vai “encerrando os sujeitos em uma circulação que repete sempre o mesmo, mas, paradoxalmente, faz circular outras versões” (Silveira, 2015, p. 198-199). “Versões” que resultam de inscrições desiguais no todo complexo das FDs, em que “são construídas ‘linhas de demarcação’ discursivas, adquiridas através das lutas por formulações equívocas, nascidas no terreno da ideologia dominante” (Pêcheux, 1995, p. 211), mas retrabalhadas na própria circulação dos discursos, por meio de identificações e filiações distintas.

Ao consideramos a intervenção algorítmica do X-Twitter, temos que uma mesma *hashtag* (recurso prototípico de repetição empírica) não significa desligada da tensão entre a reprodução tecnológica do engajamento e a mediação interpretativa dos participantes da rede. Os sentidos não estão presos à unidade da palavra, mas movimentam-se pela maneira como uma unidade linguística, a exemplo do sintagma reproduzido em #quemmorreu, é inscrita no circuito conflituoso do discurso.

Precisamente, a circulação é um elemento determinante da significação (Orlandi, 1999). Isto é, embora os algoritmos filtrem, projetem e regulem a circulação dos sentidos, não operam sem a existência material de sujeitos e de suas práticas discursivas. É o encontro da estrutura algorítmica, baseada em reprodução (constante introjeção de conteúdo na plataforma, manutenção da presença contínua de usuários, reiteração incansável de anúncios e postagens patrocinadas) com o acontecimento lúdico, humorístico, derrisório, desorganizador da polissemia.

Se, segundo Baronas (2005, 110), “a derrisão se apresenta como um jogo: como quem não quer nada e se transforma pela magia do verbo escolhido, numa forma socialmente aceitável de exprimir sua agressividade contra outrem”, fica patente sua abrangência política. O político, em AD, é pensado como a divisão dos sentidos, cujo ápice se concentraria no “discurso polêmico”, no qual, conforme a acepção de Orlandi (1999), a polissemia é regulada e o referente discursivo (aqui, o [x]) está em disputa.

Nas séries parafrásticas 1 e 2, observamos a polemização dos discursos com o referente disputado: de um sentido atribuído inicialmente (zombando da Globo), o fato mesmo da circulação abre para a polissemia. Pela tensão paráfrase/polissemia, constitutiva da linguagem, os sentidos vão circulando por trajetos variados, havendo o que se repete e o que se desloca. Notamos isso ao confrontarmos as oposições (1) “toda a esquerda” / (2) “a direita bolsonarista”, que chamam a atenção pelo efeito de saturação de um enunciado (“toda”) em contraponto à determinação adjetiva do outro (“bolsonarista”). Por funcionar também como rumor e humor, o excesso do dizer (humorístico) desorganiza o evento e reorganiza-o discursivamente, donde ser difícil, por vezes, localizar um gesto inicial. Com efeito, o processo se torna de tal forma rizomático e deslinearizado que já não interessa mais por seus pontos de começo e fim, mas pelo todo aparente. Esse efeito de todo é produzido imaginariamente no discurso pelo trabalho tecno-linguageiro das *hashtags*, por meio de que constatamos sua atuação não apenas na operacionalização de buscas, mas também na organização e filiação dos discursos a uma FD e não outra.

Intensificando a potência teórica e analítica do efeito-rumor derrisório, relacionamo-lo também ao conceito de interincompreensão, cunhado e elaborado por Maingueneau (2005, p. 105) para explicar a “condição de possibilidade das diversas posições enunciativas”, para as quais “não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de ‘não compreender’ o sentido dos enunciados do Outro”, ao modo de um “diálogo de surdos”. Na interincompreensão, a alteridade já entra abafada, sem deixar de constituir um flagrante da alteridade incontornável no discurso.

Exemplo disso é encontrado em retorno às séries parafrásticas 1 e 2, as quais reproduzem a *hashtag* em análise. Notamos que os sujeitos se inscrevem em redes significativas distintas, mas articuladas, formando um emaranhado de remissões não só ao já-dito (interdiscurso), como também a repetições no nível intradiscursivo, compondo um corpo de formulações regulares, o que permitiu a separação em séries. Ao identificar-se com os modos de dizer de uma FD, o sujeito rejeita os outros sentidos possíveis a partir de outras identificações, sob o risco de ensurdecer-se ao discurso-outro, risco este potencializado pelo próprio funcionamento da plataforma.

Cada ponto de identificação com a *#quemmorreu* reclama um efeito de sentido para o referente-morte ao passo mesmo em que recusa a interpretação do outro. Embora tal efeito silenciador seja constitutivo de qualquer discurso, na modalidade interincompreensiva, a retomada explícita das palavras do outro (na forma da *hashtag*) e a inserção em uma “conversa” que torna o diálogo rarefeito potencializam a não-comunicação.

Concedendo atenção às relações parafrásticas, notamos que a primeira série converge para a retomada do tuíte de Allan dos Santos, em sua crítica à rede Globo e a ações políticas de uma “esquerda” generalizada. Em todas as publicações, *#quemmorreu* está presente e associada a dizeres que afirmam que a rede Globo vive de dinheiro público, financiada pela “esquerda” para se sustentar e, logo, para sustentar o discurso correspondente. Cada retomada satura esse efeito de sentido,

buscando dar um contorno para o referente discursivo de que se constata o óbito: “globo lixo”, “PT maldito”, “múmias”, “a vagabundagem da esquerdalha”, “jornalistas da globo”. Ao ser colocado em posição de antagonismo com o governo bolsonarista e suas interferências políticas na Câmara, esse referente disjuncto [Globo/Esquerda] é construído como um aglomerado indefinido em que são enquadrados tudo e todos que não se identificam a essa ala da direita brasileira.

Por sua vez, a segunda série parafrástica disputa o referente, construindo-o distintamente, instalando polissemia. Observamos que falam de outro lugar, isto é, de outra FD. Nesse caso, #quemmorreu servirá para um discurso de resistência ao poder vigente, fazendo do X-Twitter um palco para discussão política. A crítica é voltada para a compra de parlamentares por parte do governo Bolsonaro, para que o candidato por ele apoiado fosse eleito, abrindo margem para outros temas relacionados: a corrupção da direita, os ataques à democracia, o negacionismo de medidas de prevenção e combate à Covid-19 (que já havia matado mais de duzentos mil brasileiros), o desejo pela “morte” do então presidente... Aqui, também, o antagonismo é reforçado: os sujeitos se inter-incompreendem.

Tanto a política (a eleição do presidente da câmara, a gestão da crise pandêmica, a repercussão social da imprensa) quanto o político (a divisão constitutiva dos sentidos) são discursivizados em uma dimensão espetacular e pessoalizada, possibilitando que um fato que talvez não fosse polemizado fora da internet (o *print* no rosto dos jornalistas cabisbaixos) ganhe dimensões consideráveis. Em suas condições de produção, o discurso digital permite a captura da tela, sua publicação, respostas e compartilhamentos, produzindo um espaço de formulação, constituição e circulação de discursos polêmicos, os quais impulsionam a presença eficaz do X-Twitter, enquanto empresa privada, nas discussões políticas.

Não podemos perder de vista que, quanto maior o *buzz*, mais a leitura do algoritmo tem material para seleção de arquivo e organização de “Assuntos do Momento”. A controvérsia, portanto, serve aos interesses empresariais do X-Twitter,

pois retroalimenta continuamente os focos de discussão e o volume de engajamento (equivalente a lucro). Polemizar serve aos interesses da empresa e ao imperativo do capital, retrabalhado no discurso das redes e investido na manutenção de engajamento dos usuários, de modo que a polêmica se torna almejada e engendra um efeito homogeneizante sobre os sujeitos interpelados pelo digital.

Mesmo abafados pela aparente organização simétrica das formulações, os efeitos contraditórios do discurso não cessam de inscrever-se. Conforme Pêcheux (2015a, p. 272), “a história, e mais especificamente a luta de classes, não é nem uma pessoa nem uma coisa. As contradições da luta de classes atravessam e organizam o discurso sem nunca serem claramente resolvidas”. Fundamentalmente dissimétrica, a luta de classes – reorganizada pelo discurso digital – continua seu movimento ininterrupto. Reconhecemos essa possibilidade de fissura ao analisar a dispersão impulsionada pela terceira série parafrástica (figura 4), que (des)organiza o discurso político atravessado pelo discurso midiático, quando os tuítes mencionam o *reality show Big Brother Brasil*.

Nesses recortes, #quemmorreu é atrelada à participante Karol Conká (que não obteve uma boa aceitação do público devido a posicionamentos tidos como autoritários no programa) e à edição do BBB-21 (que teria “morrido” de tão enfadonha). Uma postagem inclusive reúne explicitamente o apelo midiático (o BBB) ao cenário político, pois, segundo ela, os candidatos à presidência deveriam passar uma temporada no *reality show* para podermos conhecê-los e votar com mais segurança baseados em seu “caráter”. Esse tuíte nem mesmo responde diretamente à questão proposta inicialmente pela *hashtag*, reproduzindo-a a partir de outra apropriação.

Um usuário ainda mobiliza outro discurso ao identificar-se com a *hashtag* por outra relação, em que pese desconfortos emocionais ambíguos, visto declarar que #quemmorreu foi sua vontade de fazer alguma coisa: de um lado, um posicionamento pessoal, que seria a preguiça, a falta de motivação; de outro, uma inércia social, isto é, a falta de vontade de fazer algo pelo país. Nessa série, a qual traz elementos

aparentemente estranhos ao embate acirrado sobre #quemmorreu, os usuários apropriam-se do que já está circulando (lembramos que esta *hashtag* esteve nos “Assuntos do Momento”) para inserir seu discurso em um efeito-reação que está sendo projetado, como um modo de participar do movimento de projeção possibilitado pelo algoritmo. Entendemos que isso pode representar uma forma de usar a leitura algorítmica equivocadamente a seu favor, o que não acontece apenas na série 3, mas que se concentra ainda mais nela.

Com isso, retornamos a um dos pontos fundamentais de uma análise discursiva, a equivocidade: o traço de que o sentido pode ser outro (Pêcheux, 1990). A equivocidade da *hashtag* reside no fato de que o (des)agrupamento da dispersão de discursos recupera tanto o mesmo quanto o diferente para uma coexistência conflitante em um mesmo espaço enunciativo, expondo o olhar do usuário-leitor a posições em embate. Ademais, ainda que clamando a morte da imprensa tradicional, a primeira série parafrástica parece ignorar que o estopim do efeito-reação foi um *print* de um momento de um jornal televisionado pela rede Globo, apontando para o fato de que a pauta permaneceu dada por um veículo midiático tradicional, ainda que os “sujeitos ordinários” (Silveira, 2015) transformem este veículo em objeto de derrisão.

5 Considerações finais

Ao longo deste trabalho, analisamos os discursos que se repetem por meio da paráfrase e que se transformam por meio da polissemia em torno de #quemmorreu. Do tuíte de Allan de Santos, o primeiro a utilizar a *hashtag* mencionada, que se inscreve em um viés político-ideológico voltado para criticar a Globo/Esquerda, instalam-se pontos de polêmica, isto é, de disputa do referente, que reclamam outros efeitos de sentido. Durante a análise, observamos que tais efeitos mudam de acordo com a filiação a determinada formação discursiva. Compreendemos que #quemmorreu, circulada como *hashtag* do discurso político-midiático no X-Twitter, atua no agrupamento de posições-sujeito dispersas e antagônicas. Apropriada de formas

distintas, ela significa diferentemente nos discursos, o que atesta que a divisão é o real do social e não a homogeneidade que desestabiliza a organização algorítmica.

Em alinhamento com a proposta de Pêcheux (1995), que defende que “reprodução” não é o mesmo que “repetição do mesmo”, visto que em todo processo de reprodução – por sua estrutura ideológica necessariamente falha – instalam-se pontos de resistência, germes para o impensado, o imprevisível, o inconformado. No trato metodológico que demos ao *corpus*, dividindo-o em séries de regularidades enunciativas, essa característica equívoca do discurso se mostrou atualizada no digital, tanto no acirramento do discurso polêmico (séries 1 e 2), quanto nos traços de inscrição da contradição, particularmente na reflexão que tecemos sobre a série 3.

Fazem-se atuais as palavras de Pêcheux (2015b, p. 89), ao tratar da integração entre o discurso publicitário e o discurso político, quando escreve sobre a tendência de uma “política do performativo”: quando “dizer equivale a fazer”, a política se torna uma “atividade imaginária que se parece ao sonho acordado”. Somos impelidos a vincular essa tendência performativa ao processo de mediação da discussão política engendrado em mídias digitais, a fim de não esquecermos que dizer-política é uma forma de fazer-política eficaz nas condições de produção do digital, o que significa que a responsabilidade sobre o que se diz e publica é ainda maior.

Questão de contradição: ao mesmo tempo, o sujeito é interpelado pelas estratégias político-publicitárias materializadas pelas tecnologias algorítmicas para permanecer em sua bolha, ao passo que ameaça a estabilidade da interpelação ao confrontar-se – inter-incompreensivelmente – com o outro nos desvãos proporcionados por essas mesmas tecnologias, ainda que para apenas participar da zombaria, em movimentos informes de efeito-rumor derrisório.

Referências

BARONAS, R. Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada. **Polifonia**, Cuiabá, n. 10, p. 99-111, 2005. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1103>.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em Jean-Marie Le Pen. *In*: GREGOLIN, M. R. (org.). **Mídia e discurso: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz Editora, 2003. p. 35-48.

LACERDA, G. H.; DI RAIMO, L. D. Só há like naquilo que falta (ou “Só há causa daquilo que falha). **Diálogos Pertinentes**, v. 16, n. Temático, p. 10-26, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Terra à vista: discurso do confronto – velho e novo mundo**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PAVEAU, M. A. “Hashtag”, Technologies discursives. **Dictionnaire DADN**, Carnet de recherche, 2013. Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/488>.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. As massas populares são um objeto inanimado? *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a. p. 251-273.

PÊCHEUX, M. Foi “propaganda” mesmo que você disse? *In*: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015b. p. 73-92.

PEQUENO, V. **Nos subsolos de uma rede: sobre o ideológico no âmago do técnico**. 2014. 102 f. Dissertação (mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SILVEIRA, J. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter**. 2015. 210 f. Tese (doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

SILVEIRA, J. Rumores e hashtags: assuntos do momento? Observações sobre o discurso ordinário em espaços enunciativos informatizados. *In*: FERNANDES, C. B.;

CASTRO, L. C. (org.). **Linguagem em (Dis-)Curso**: o espaço digital como lugar de produção de sentidos. Londrina: Syntagma Editores, 2019. p. 19-39.

TWITTER Brasil. Informações sobre os #AssuntosdoMomento. **Twitter Blog**. 2018. Disponível em: https://blog.twitter.com/pt_br/topics/product/2018/informacoes-sobre-os-assuntos-do-momento.